

NO CALOR DA HORA. UMA BREVE ANÁLISE DO IMPACTO DA QUESTÃO POLÍTICA ENTRE ISRAELENSES E PALESTINOS NAS IMPRENSAS JUDAICA, NACIONAL E INTERNACIONAL.

Jaqueline Brites

Joana Bahia

Licenciada em História pela UERJ.

Professora adjunta do departamento de ciências humanas da UERJ/FFP.

Doutora em Antropologia Social PPGAS/Museu Nacional.

Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar o material da imprensa (judaica, nacional e internacional) buscando compreender o atual processo de construção das múltiplas ideologias étnicas no decurso da crise no Oriente Médio e de como acionam determinados símbolos na construção da identidade judaica. Trataremos ao longo do artigo do uso corrente e diferenciado das seguintes ideias, veiculadas através das seguintes expressões: gueto/terra santa/terra prometida, medo do contato/medo do outro/doimigrante, isolamento imaginário/geopolítico e holocausto/massacre/extermínio.

Cabe-nos ressaltar que grande parte das abordagens realizadas pela imprensa vez ou outra, tratam de pontos relacionados a guerra árabe-israelense presentes nos discursos do presidente israelense e do americano. Temos então, a guerra dos seis dias que resultou na independência e ampliação do território de Israel liderado por David Ben Gurion, os atentados de 11 de setembro de 2001 e a luta dos EUA contra o terror e o crescimento da imigração de muçulmanos para a Europa.

Estes fatos fazem parte de um processo de construção ideológica promovida tanto pelos líderes de Israel na figura de Ariel Sharon quanto dos EUA na pessoa de George W. Bush. A perseguição, o terror e o gueto, palavras correntes nas matérias, são tratados como símbolos constituídos e apropriados ao longo do tempo como agentes modeladores de um tipo de consciência coletiva ou no caso dos EUA, nacional. O medo do contato com o outro estimula políticas de extrema direita que se comprometem em coibir o avanço dos muçulmanos em terras imigratórias para países desenvolvidos e dos palestinos que lutam para permanecerem em Israel. Esses governos firmam suas ações explorando ideologicamente estes símbolos por meio de um forte investimento em propaganda que expliquem e legitimem suas ações.

O medo do contato e os guetos imaginários.

A ideia de gueto é usada tanto nas matérias de jornais nacionais e internacionais quanto na imprensa judaica ¹. O uso da ideia de isolamento (não apenas no contexto da guerra) associada a concepção social e espacial de gueto provocou reações de passeatas e debates promovidos por instituições judaicas em toda a cidade. Mas poucas instituições judaicas abriram suas discussões para outras etnias em suas agendas culturais, tanto na organização de seus eventos, quanto na sua própria visibilidade e extensão de sua divulgação. A maioria dos debatedores e do público eram de origem judaica, não constituíam parte de outros segmentos da sociedade nacional. De um certo modo, um isolamento imaginário permeou as atitudes das instituições que se tomam como representativas do judaísmo e da comunidade judaica carioca.

O fato é que estas interpretações sobre os últimos acontecimentos são requeridas tanto por judeus quanto por palestinos para justificarem suas ações. Os judeus se percebem como sendo ao longo dos séculos os legítimos donos das terras palestinas e não somente do território dado em 1947 mas, também, de toda a extensão de terra que pertencia aos hebreus durante o reinado de Davi, a Faixa de Gaza, as Colinas de Gola e a atual Cisjordânia.

Os palestinos não buscam uma justificativa tão distante no tempo, mas no fato de que a criação do Estado de Israel proporcionou uma progressiva retirada ou expulsão de famílias inteiras de suas terras. E ainda reivindicam que além de serem expropriados de suas terras são também por décadas perseguidos e mortos pela política do Estado de Israel.

A imprensa do mundo mantém também dois discursos contrários e na maioria das vezes contraria os políticos de seus líderes nacionais e denunciam o emaranhado de lutas e ataques que acontecem no Oriente Médio ². Um discurso está voltado para sua própria nação, alertando para o perigo de se aceitar levas de imigrantes e o outro atende a demanda da comunidade internacional que condena os crimes de guerra cometidos por Israel aos palestinos e os ataques terroristas dos homens-bomba.

Um fato que nos chamou a atenção foi o esforço que o governo de Sharon desempenhou para censurar a imprensa israelita em momentos em que o ataque das forças palestinas foram mais fortes que o esperado. No dia 16 de fevereiro de 2002 o Jornal do Brasil relata um ataque palestino a um tanque israelense que se tornou um símbolo de força e invencibilidade israelense sobre os palestinos, o MERKAVA ³. Tal atitude do governo de Sharon nos faz perceber que há uma clara intenção em manipular a opinião pública israelense e palestina em torno do “mito” da invencibilidade do exército de Israel que tem sido elaborado desde a guerra dos seis dias.

Outro ponto é a preocupação de mobilizar a opinião pública internacional a seu favor, buscando manter o caráter “judeu” do Estado de Israel, mantendo os financiamentos que recebe de colaboradores internacionais. Durante o processo de negociação de retirada de tropas dos territórios ocupados, Sharon comunica a Liga Árabe que Israel aceitaria um número limitado de refugiados pois “...se vierem todos, quebra-se o caráter judeu do Estado de Israel”.

Repensando o gueto e o holocausto, novas formas de antisemitismo: a experiência de um judeu das Arábias e os palestinos de Israel.

Em entrevista a revista Caros Amigos em junho de 2002, o artista plástico Gershon Knispel defendeu a idéia de “dois Estados para dois povos” com a única solução para a paz. Consciente da separação que há entre suas idéias e a política do governo israelense, Knispel traça um histórico do conflito no Oriente Médio baseando-se no processo de imigração judaica para a palestina e no distanciamento do caráter cooperativo do sionismo de Theodor Herzl. Knispel diz que Herzl ao chegar da Áustria em 1896 se maravilhou com a preservação da “Terra Santa” e com as construções árabes que aproveitavam a paisagem: “*viemos para cá, encontrar a velha pátria, mas não podemos ignorar o fato de que aqui permaneceram nossos primos que conseguiram sobreviver às situações e, por isso, a gente precisa aprender o jeito deles de viver, o jeito deles de construir casas...*”.

O autor afirma que o problema não foi o sionismo, pois até um determinado momento, judeus intelectuais alemães “*queriam se juntar com os palestinos e fazer um pacto de paz para lutarem contra o colonialismo inglês no espírito daquilo que Herzl propunha: “Vamos ser irmãos”*”. Knispel (2002) testemunha sua convivência pacífica com palestinos e mostra que o problema se deu com a imigração de russos e poloneses possuidores de uma visão de gueto. Estes sob o governo de Ben Gurion, criaram as fazendas coletivas, retirando as terras dos palestinos. Ambos os grupos já haviam experimentado os horrores da segregação racial e da perseguição: “*Acho que o maior erro foi que os judeus russos e poloneses foram os primeiros a chegar à palestina e chegaram com suas limitações uma visão de gueto ou de alguém que sempre viveu em uma aldeia pequena, com esse negócio de que “somos judeus, marcados, todo mundo quer acabar conosco...”*. Eles realmente passavam por situações às vezes terríveis. Mas levaram tudo para a Palestina e se isolaram de novo (op.cit)”.

Mas o que seria a concepção de gueto ?

Para With (1938), o gueto seria um espaço separado de uma determinada sociedade onde viveriam pessoas com todas as suas ações controladas pela sociedade que a abriga; ou seja, seria um espaço de confinamento e de controle. Sennett (1994) expressa bem o que simboliza a formação do espaço

do gueto na Veneza renascentista: *“No gueto judeu não deveria haver vigilância interna. Aprisionados, os judeus seria deixados à própria sorte, como um povo esquecido.”*

Confinamento em gueto não foi fenômeno unicamente judeu. Sennet (1994) aponta que ao longo da história, o gueto de Veneza foi imposto a diversos povos inclusive aos alemães, que mesmo sendo cristãos estavam se deixando contaminar pelas idéias protestantes o que poderia macular o cristianismo católico e conseqüentemente a pureza dos corpos venezianos.

O fato é que no caso judeu o estigma se agravou, pois este representava em seu corpo tendências extremamente repugnantes e anticristãs, tais como: o amor ao dinheiro, pelo controle pecaminoso do tempo como gerador de riquezas. E a atividade da agiotagem era repudiada pelos cristãos e condenada pela igreja. Tinha-se a idéia de que seus corpos retinham doenças (venéreas) o que marcava seu caráter impuro, gerando o “medo do contato”. Mas se estes eram impuros, Veneza não sobreviveria sem seu dinheiro, estabelecendo, então, um conjunto de regras de conduta para que estes não os “contaminassem”. Estabeleceu-se o gueto.

É, portanto, esse estigma que Knispell (op.cit) destaca como motivador das ações do governo de Sharon, sendo importante compreender a mudança significativa na postura do Estado de Israel sobre os palestinos e constatar que realmente o gueto que há na palestina, foi e está sendo construído por Israel. E a autoimagem de viver num isolamento geopolítico em relação ao restante do Oriente Médio, como se o próprio estado israelita fosse também um gueto.

Deutscher(1967) ao tratar da guerra arabe-israelense mostra que, longe de ser uma glória nacional, a guerra dos seis dias só agravou a situação da palestina contra o Estado de Israel. Ao Israel contar com todo apoio e força dos Estados Unidos, impuseram a força neocolonialista dos Estados Unidos sobre os países árabes, que contavam com a URSS. Assim, a briga na realidade era entre potências (URSS x EUA) na chamada guerra fria para conseguir um espaço cada vez maior na terra palestina. Desta forma, a tão comemorada independência israelense sonhada pelo sionismo de Hezl não passou, segundo Deustcher (1967), de propaganda “enganosa”, pois Israel serve como agente viabilizador das ações americanas no Oriente Médio. Vemos que a idéia de gueto, se faz realidade na construção de um Estado Judeu isolado em todos os sentidos de seus vizinhos e dependente economicamente de capital externo.

Para o autor (op.cit), a criação do estado de Israel puniu os árabes por crimes que não haviam cometido na 2ª Guerra e impuseram aos árabes sofrimentos de se tornarem refugiados em suas

próprias terras. Temos portanto em várias matérias internacionais a associação entre o conflito em Jenin ao nome Jeningrado, como se a situação limite de cerco aos palestinos fosse a construção de um campo de concentração aos moldes nazistas e iugoslavos.

A mesma crítica de Deustcher (1967) e de Ali (2002) foi feita por José Saramago (2002) no ápice do conflito árabe-israelense e respondida pelo escritor Amós Oz. Saramago compara os crimes cometidos por Israel na Palestina àqueles cometidos pelos nazistas ao se referir a condição imposta de refúgio e extermínio aos palestinos dentro de seu próprio território. Oz defendendo a formação de um estado bi-nacional afirma: *“quem quer que compare Israel à Alemanha nazista está na verdade insinuando que Israel merece ser destruído, como foi a Alemanha nazista. Saramago então coloca-se não ao lado dos palestinos que lutam pela liberdade, mas ao lado da Jihad islâmica, comprometida com o extermínio de israel”*.

Criticas ao sionismo, com referências explícitas ao Holocausto e as diásporas também estão presentes nas matérias de jornais no período anterior e posterior a guerra dos EUA contra o Iraque em 2003. Temos tanto aquelas matérias que defendem um revisionismo histórico por vezes questionador como também oportunista, como outras que mostram a correlação feita entre holocausto e perseguição aos judeus por ocasião de manifestações recentes de anti-semitismo. Raras são as notícias que abordam novos pontos de vista sobre a guerra ou mesmo que tratam do cotidiano das áreas ocupadas. Neste caso, temos como exemplo, duas matérias publicadas em abril de 2003 no jornal português O Público.

A primeira trata de uma troca de acusações entre uma leitora de origem judaica e o autor do artigo sendo questionado o porquê de se pensar um revisionismo histórico no momento da invasão americana ao Iraque. O autor da matéria mostra que não é anti-semitismo questionar a história do Holocausto, mas que este já se consolidou como um mito ao invés de ser tratado como um genocídio passível de ser comparado a outros. Respondendo, então, a leitora : *“Chegados aqui, poder-se-á perguntar: então o nazismo não foi nenhuma barbárie? É evidente que foi. Mas como barbárie já chega o que aconteceu. Não é preciso estar a mitificar nem a mistificar. A barbárie é barbárie, não apenas pela sua verdadeira amplitude, mas também pela sua teoria e prática. Por último, convém não esquecer que, hoje em dia, o maior inimigo do verdadeiro judaísmo não é o neo-nazismo, mas sim o sionismo e a sua arrogância nata”*.

A relação entre sionismo e diáspora, entendida como vivência de uma situação de extermínio, reaparece não somente nas entrelinhas de muitas reportagens, mas foi alvo de análise de Sorj (2000)

ao entrevistar intelectuais israelenses de origem mulçumana e judaica, habitantes do estado de Israel. O fato de apontarem a diáspora como algo vivido de modo negativo, isto é, como sinônimo direto de extermínio toma a compreensão da mesma como base para o mito sionista.

Para Zahalka (Sorj;2000:72-73), mesmo que muitos judeus de vários países não desejem viver em Israel, muitos mostram que este não é o espírito israelita que não apenas se referem a salvar judeus que sofram atualmente de pressões anti-semitas. Mas também que ainda subsiste o sonho sionista de reunir todos os judeus do mundo, ou seja, o mito do sionismo é tomado como a negação da diáspora, ou seja, *“a ideia sionista de que não há valor na existência dos judeus na diáspora, fora de Israel, é o outro lado da moeda do anti-semitismo. A prémissa básica de ambos, na verdade, é que os judeus não podem existir em outros países”*.

A segunda matéria aborda o caso do prêmio Internacional de Liberdade de Imprensa 2003 concedido a jornalista israelense Amira Hass, habitante de Ramallah. Respondendo ao jornalista Robert Fisk, ela aponta que sua decisão se deveu ao fato de que: *"A questão central no jornalismo é vigiar o poder e os centros de poder"*.

Neste caso, temos vários estigmas e acusações em torno da figura da jornalista que em sua maioria partem de respostas que recebe dos israelenses: *“Recebo mensagens [de leitores israelitas] dizendo que eu devo ter sido uma kapo [guarda judia nos campos de concentração] noutra encarnação. Recebo um mail que diz: 'Bravo, escreveu um belo artigo - Heil Hitler!' Alguém chegou a dizer-me que esperava que eu sofresse de cancro. 'Enquanto não expulsarmos todos os palestinianos não haverá paz', dizem alguns.* A imagem de judia que vive e trabalha no espaço maior de conflito as associa a imagem negativa que tinham aqueles que trabalhavam junto aos kapos da Alemanha nazista, expressando como a jornalista é acusada de nazista ao se aproximar do universo do outro e ao perder o medo do contato com uma realidade que também é judia. Amira Hass aponta as dificuldades de responder as acusações diante do seu envolvimento direto e diário com os problemas enfrentados pelos palestinos.

Além da associação entre sionismo/diáspora/antisemitismo, holocausto/antisemitismo ser sempre algo acionado na construção da autoidentificação étnica, temos algumas reflexões que fogem a esta atribuição e repensam o papel reservado ao judeus no nazismo e as possíveis elaboração de novos estigmas.

Neste sentido, Deutscher (1967) afirma que o Nazismo aguçou os estigmas em torno do judeu a fim de legitimar o ódio e a perseguição aqueles que detinham o monopólio do dinheiro, ou seja, o ódio

ao capitalismo na crise dos anos 30 precisava de um bode expiatório. Segundo o autor, esta seria a razão pela qual Ben Gurion, mesmo antes da guerra, estimulou a criação das fazendas coletivas em Israel, pois percebia que era necessário eliminar o “estigma fatal”, isto é, *“Os judeus deveriam deixar de ser elementos improdutivos. Deveriam se estabelecer em suas próprias terras como trabalhadores produtivos”*. O autor aponta para o perigo de um novo estigma: o de Israel como agente do neocolonialismo americano sobre os países árabes.

Outro dado interessante na pesquisa é, sem dúvida, a postura da imprensa internacional sobre a guerra, especialmente no que se refere aos fluxos migratórios. Paralelamente as notícias da guerra, temos as matérias que retratam os conflitos diários entre as políticas dos estados nacionais europeus e americanos junto aos imigrantes.

As agências americanas e as européias possuem, em geral, dois discursos diferentes para dois públicos. O primeiro é o que se incumbe de dar cobertura jornalística ao governo da palestina e por isso, possui um caráter de denúncia, associando os crimes cometidos por Sharon aos crimes de guerra cometidos por Milosevic na Bósnia. Constantemente são feitas comparações entre o genocídio dos palestinos com a limpeza étnica iugoslava.

Neste ponto, destacar o papel da imprensa é fundamental. Mas cabe lembrar que a mesma frequência em que os periódicos denunciam as bárbaries da guerra arabe-israelense, uma outra guerra particular e cotidiana aparece nas outras colunas dos jornais. O Le Monde, El Pais, O Público e outros periódicos seguem este caráter dualista em suas reportagens. O que nos importa saber é que essas ações ambíguas da imprensa européia e americana expressam claramente a imigração como um problema que enfrentam em seus países, especialmente os fluxos migratórios de mulçumanos advindos do Marrocos e vários países do Oriente Médio e da Ásia. Assim, enquanto o El Pais vincula uma matéria sobre o sofrimento palestino destacando assassinatos em série e crimes contra a humanidade, vincula também uma série de reportagens sobre estudantes imigrantes que são impedidos de permanecer em solo espanhol por causa da mudança na legislação espanhola que não permite sua fixação.

O fato se dá por toda a Europa inclusive com o advento de movimentos neo-nazistas que se ligam a extrema direita e saem pelas ruas reprimindo imigrantes. O marco deste movimento foi, sem dúvida, a ascensão de Le Pen nas eleições presidenciais francesas que abalou o orgulho do povo francês.

Na Espanha, o medo dos imigrantes é ainda maior, pois o país tem uma enorme concentração de imigrantes muçulmanos. O El País do dia 14 de Julho de 2002 fez uma reportagem especial, mostrando que o crescimento da fé islâmica está associado ao fluxo migratório. A matéria constata a existência de uma diversidade doutrinária, ou seja vários islamismos. De maneira simplificada, a reportagem destaca três vias mais comuns na Espanha: a primeira dos espanhóis convertidos, a segunda dos estudantes do Oriente Próximo nacionalizados espanhóis e o terceiro a via árabe que é tradicional e está em todos os lugares da Espanha. Por ser um poderoso meio de intercessão, o imigrante se aproxima da mesquita como forma de se integrar a sociedade espanhola e também de manutenção dos elementos de autoidentificação étnica, tais como: a língua, a religião e os padrões de moralidade.

Um dado que assustou os espanhóis, foi a constatação do crescimento da via saudita principalmente após os atentados do 11 de setembro de 2001. Esta via ortodoxa do Islã na Espanha é patrocinada pela Arábia Saudita que faz uma apologia a favor da integração de um islã verdadeiro longe das influências do ocidente, trazidos pelos espanhóis convertidos e até mesmo pelos estudantes muçulmanos que imigraram para a Espanha. Estas correntes tem causado uma “di-visão” no islã espanhol, podendo-se comparar com o que aconteceu com o cristianismo no início da Era Cristã que separou a igreja do Ocidente e do Oriente.

O governo espanhol se assusta com o avanço dos muçulmanos , separando-os das poucas cidades que não possuem mesquitas. Este proíbe por meio de mobilização popular a construção de mesquitas em vários lugares. As concessões serão feitas caso os muçulmanos se integrem a sociedade espanhola e obedecerem os chamados “princípios democráticos e os direitos humanos”. É novamente o medo do contato.

Embora a união européia tenha se mostrado contra o conflito e contra o terror imposto por Israel, as forças internacionais desenvolvem explicações antagônicas sobre a imigração dos muçulmanos como um problema. A inércia dos governantes europeus e americanos não só expressam a preocupação com o tema imigração, mas também a importância dos interesses econômicos na região do Oriente Médio. Vemos portanto que nas matérias de jornal, Bush não assume o papel de mediador e se coloca a fazer discursos repetitivos e ineficientes para se manter com o poder na região.

Ainda que os EUA como a Europa não se interessem em reconhecer seus imigrantes como cidadãos, estes exigem de Israel para o estabelecimento da paz aquilo que não querem em seus

próprios territórios (como afirmam pacifistas e analistas do conflito que ser este um elemento para se pensar a paz na região : o reconhecimento do outro).

Compreende-se então com mais clareza a resposta de Sharon aos apelos americanos e europeus e as ações ambíguas da imprensa internacional só servem para legitimar sua política de “*proteção de Israel das massas palestinas*”. A imprensa nacional representada neste artigo pelo O Globo, Jornal do Brasil, e pela Folha de São Paulo, diferenciadamente tem se mostrado atenta aos conflitos internacionais.

Dentre esses três jornais, destacamos a Folha de São Paulo e o jornal O Globo que esteve sintonizado com as agências internacionais, vinculando reportagens mais atualizadas sobre o problema dos refugiados palestinos.

As matérias da Folha de São Paulo visam esclarecer o leitor sobre o emaranhado de questões que originaram o atual conflito. Vale destacar que tenta elucidar historicamente, o conflito desde junho de 2001 antes mesmo do 11 de setembro que fez o mundo atentar para o Oriente Médio. Em agosto de 2001, publicou uma reportagem em que se preocupava em dizer que uma guerra na palestina era improvável devido ao poderio bélico de Israel conseguido com a ajuda dos Estados Unidos e devido também a falta de organização militar e a fraqueza dos países vizinhos a Israel. Naquele momento as forças tendiam para Israel e um acirramento significaria uma guerra ainda mais desigual para os palestinos refugiados: “*A aparente superioridade estratégica israelense também é um fator que ajuda a dissuadir governos árabes de eventuais planos de ataque: “O equilíbrio estratégico geral pende claramente a favor de Israel”*”.

O jornal O Globo também procura esclarecer seus leitores da historia do Oriente Médio. Suas matérias são oriundas das principais agências jornalísticas internacionais, sendo portanto um veículo de informação atualizado no que se refere a noticiar o que se passa de ambos os lados. Fato que no entanto não o exime de assumir parte do discurso das ideologias étnicas em jogo. Assim, suas matérias denunciam os abusos israelenses sob o comando de Sharon sobre os palestinos utilizando-se de entrevistas e artigos produzidos por analistas internacionais sobre o conflito, mas também veiculam as reações mais adversas aos palestinos, como trataremos mais adiante do folheto produzido pelo Museu Judaico.

Esta discussão proposta não claramente pelo O Globo sobre o caráter dos ataques israelenses aos campos de refugiados palestinos tem suscitado as mais diversas reações nas mais variadas camadas

da sociedade. Neste sentido, vale ressaltar o livreto produzido pelo Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados – PSTU – em que declara o mais completo apoio à causa palestina que são tidos como heróis da resistência da luta pela terra. Este livreto produzido em 24 de abril de 2002 tem por objetivo denunciar e conclamar a esquerda para lutar a favor dos palestinos: “*A denúncia do caráter fascista e racista do Estado de Israel e o papel do imperialismo norte-americano como cúmplice do massacre do povo palestino deve ser encarado pela esquerda como uma questão social*”. Tanto um veículo quanto o outro, tratam os palestinos ora como “loucos, bárbaros”, ora como heróis míticos. Parte de uma história que paulatinamente se constitui épica para o mundo árabe, comparando-os ao papel dos profetas no mundo islâmico.

CONCLUSÃO

Todo esse emaranhado de questões e posicionamentos fez com que a comunidade judaica no Brasil pronunciasse sua postura diante dos fatos atuais, tendo em vista que a sociedade, por meio da imprensa ou de associações e partidos políticos já estava declarando o repúdio às ações israelenses sobre os palestinos. Os membros mais progressistas da comunidade não queriam ser identificados a figura autoritária e nem aos atos de Sharon e aqueles setores mais conservadores justificavam a construção do estado como um projeto unicamente judaico, não tendo portanto a presença do outro :os palestinos.

Assim, o Museu Judaico do Rio de Janeiro apoiado pela Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro busca em um folheto pago e distribuído no jornal O Globo: “*Elucidar todos os componentes dessa crise, além das simplificações sensacionalistas da mídia, pela compreensão de todo o processo do confronto... visa também a redespertar todas as forças e influências que possam mobilizar-se para mudar o curso das mentalidades...*”.

As simplificações da mídia não são esclarecidas e se perpetuam novos mitos, mostrando quem disputa legitimidade nas definições do ser judeu na sociedade carioca. Este folheto faz parte de uma série de esforços que a comunidade judaica lançou contra o medo de que novos ataques anti-semitas legitimados pelo ódio à Israel e à política de Sharon estava provocando em todo o mundo. Mas o medo do contato com o outro é grande o suficiente, para excluí-los da história de uma terra que lhes foi prometida, mostrando que os palestinos não estão em seu lugar.

Neste momento, vemos ressurgir velhos ideais de ambas as partes para darem justificativas a suas ações e de um certo modo, temos também um confronto de ideologias, veiculadas sem

distanciamento pela imprensa global. Nas notícias vemos que os palestinos se entregam a morte como heróis épicos para conseguirem a liberdade de sua condição de refugiados e retomarem o que dizem ser seu território. Israel luta contra as pedras dos palestinos para reprimirem o que chamam de holocausto provocado pelos homens-bomba do terrorismo árabe. Ambos se acusam de nazistas, terroristas, alternando as categorias classificatórias e tornando suas atitudes como se fossem dos profetas de um verdadeiro estado-nação.

Notas

1Chamo atenção para o uso feito pela revista Menorah que divulgaram o mapa do Oriente Médio construído a partir do isolamento e pequenez do estado de Israel ameaçado pelos demais estados. Este mapa foi posto em vários outdoors na área do SAARA, no centro da cidade (avenida presidente Vargas), próximo a estação da Leopoldina e no bairro do Catete (rua do Catete). Israel aparece nos outdoors como um estado isolado e traído pela cobiça e inveja dos demais estados do oriente médio.

Este uso provocou uma polêmica entre os grupos étnicos, antigos comerciantes do SAARA e entre os setores de esquerda da comunidade judaica, gerando mal estar especialmente entre os frequentadores da área comercial do SAARA, território construído como sendo o SAARA carioca da paz e da boa convivência entre diferentes etnias.

2 Chamamos atenção para o caso dos refusiniks, soldados desertores do exército de Israel que através de uma ação política buscam apoio internacional. Somente a ação e divulgação da imprensa judaica de esquerda e dos organizações não governamentais que lutam pela paz puderam informar o auto índice de deserção dos soldados neste contexto de conflito. A imprensa internacional só divulgou, mesmo ainda sob pressão do governo israelense, seis meses após a divulgação dos referidos órgãos.

3Termo utilizado pela imprensa nacional e internacional que denota uma visão específica sobre a própria guerra.

4 Shalom pela PAZ e grupo Taba, ambas ONGS com representantes na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, divulgaram seus comunicados sobre o andamento do conflito através da internet e de debates promovidos e divulgados pela imprensa da Associação Scholem Aleichem, instituição judaica fundada nos anos 60 por segmentos progressistas da comunidade.

5Cabe ressaltar a polêmica entre o rabino Sobel retratada pelo jornal A Folha de São Paulo no período da guerra entre Eua e Iraque. O brasileiro de origem libanesa Mohamad Nassib Mourad, 61, presidente da Sociedade Beneficente Muçulmana (SBM), desferiu pesadas críticas contra os norte-americanos, os britânicos, os judeus e Israel, acusando os últimos de "terroristas e de câncer da humanidade". Henry Sobel, que preside o rabinato da Congregação Israelita Paulista, respondeu da seguinte forma o pronunciamento de Mohamad Nassib Mourad: "É lamentável que pessoas supostamente pacifistas façam declarações dessa natureza, incitando o ódio contra os judeus. Não sou defensor do senhor Bush. Sou contra a guerra. Mas não posso admitir que os judeus sejam culpados pelas decisões do presidente dos EUA. Temos ainda o caso das declarações feitas pelo arcebispo de Porto Alegre, dom Dadeus Grings, que minimizou a perseguição sofrida pelos judeus no Holocausto. O arcebispo defendeu o papa Pio 12 (que exerceu o pontificado durante a Segunda Guerra e é acusado de omissão em relação ao nazismo), o arcebispo aumenta o tom na crítica aos judeus e chega a colocar em dúvida a "utilidade" da salvação de vidas: "Os judeus denigrem a imagem de Pio 12. Vale a pena ele fazer tanto esforço para salvá-los? Os judeus são ingratos. Não sei qual o interesse em denegrir a imagem de Pio 12, um dos nossos grandes papas. Essa campanha só pode ser dos judeus. Não sei por que fazem isso."

Jornais consultados:

Jornal do Brasil

Revista Caros Amigos

Jornal O Globo

Folha de São Paulo

El Pais

Le Monde

O Público

La Insignia

Open Democracy

Revista Menorah

Folheto do Museu Judaico

Boletins da ASA

Folhetim publicado pelo PSTU

Referências bibliográficas:

ALI, Tariq. Confronto de fundamentalismo. Cruzadas, jihads e modernidade. Rio de Janeiro, Editora Record, 2002.

DEUTSCHER, Isaac. Entrevista a Alexander Cockburn, Tom Wengraf e Peter Wollen para A New Left Review em 20 de junho de 1967.

FLINT, Guita e SORJ, Bila. Israel Terra em Transe. Democracia ou teocracia ? Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2000.

WIRTH, Louis. The ghetto. Chicago, The University of Chicago Press, 1966.